



ISLA M A N O V A

HOMENAGEM Á MULHER PORTUGUESA

III.ª SÉRIE

A MULHER DE LISBOA E A ALGARVIA

NUMERO 3

AVULSO 1 ESCUDO

DIRECTOR LITERÁRIO
MATEUS MORENO
(GERENTE)

ALMA
NOVA
PUBICAÇÃO MENSAL.

DIRECTOR ARTÍSTICO
J. Saavedra Machado
Secretário: Teófilo Junior

CONDIÇÕES D'ASSINATURA (PAGAMENTO ADIANTADO): Portugal e Ilhas, Trimestre 3\$00, Semestre 5\$50, Ano 10\$0; Colónias e Espanha (só assinaturas anuais), 12\$50; Restantes países (idem) 15\$00. OS PEDIDOS DE ASSINATURA DEVEM SER ACOMPANHADOS DA IMPORTÂNCIA

ATENÇÃO: — Não fica prejudicado o assinante, quando circunstâncias anormais, que procuraremos no entanto evitar, demorarem a saída da revista, porque no acto de pagamento das assinaturas se fixam sempre os números a receber, que são os referentes aos períodos pelos quais as mesmas são tomadas.

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DA EMPRESA DE PUBLICIDADE «RESSURGIMENTO». ESCRITÓRIO: CALÇADA DE JOÃO DO RIO, 8, 1.^o (A' POLITÉCNICA) — LISBOA

SUMÁRIO

III.^a SÉRIE - NOVEMBRO DE 1922 - N.^o 3

FLORA, escultura de Raul Xavier	pag. 41
A MULHER DE LISBOA, por José Guerreiro Marta, com ilustrações de Isaura Cavalheiro	42
SALOMÉS, por Assis Esperança, com ilustrações de Roberto Nobre	44
A MULHER ALGARVIA, por Sebastião da Costa, com ilustrações de Roberto Nobre e fotografias	45
RAÇAS CANINAS PORTUGUESAS: Podengos, por Armando Corrêa, com fotografia	50
AS FEIAS . . . versos de Bernardo de Passos, com ilustração de Samora Barros	51
O LOUCO AMOR, novela, versão de Fidelino de Figueiredo, com il. de Saavedra Machado	53
EL HOMBRE MÁS VENTUROSO, conto de Rogelio Buendía, com ilustração de Saavedra Machado	54
FIGURAS DA GRANDE GUERRA, por Roberto Nobre	55
NOTAS DO MÊS (com ilustrações de Nobre e Sancho).	56

CAPA DE SAMORA BARROS

Eia separata: BALADILHA, música de Ivo Cruz, letra de José Dias Sancho, ilust. de R. Nobre
Gravuras d'A ILUSTRADORA LM.da

No Próximo n.^o homenagem à MULHER DO ALENTEJO e colaboração artística de Simões d'Almeida

Para breve: Colaboração dos pintores Manuel Jardim e Raul Carneiro
e dos ilustres escritores Dr. Ricardo Jorge e Conde de Sabugosa

CONVEM LER

A todas as pessoas a quem enviamos a «ALMA NOVA» pedimos a fineza de nos devolverem este número, remetendo-nos pelo correio a importância dos anteriores, caso não desejem continuar a assinar-nos.

Os nossos objectivos interessam a todos os português, confiamos por isso no auxílio de todos. Cada assinante tem um amigo, a esse amigo deve, pois, pedir-lhe que seja também assinante da «ALMA NOVA».

Feita a cobrança do trimestre que o presente número encerra e normalizadas as tiragens, será regularizada a saída mensal de cada número.

PRECISA-SE O N.^o 16 DA 2.^a SÉRIE. PAGA-SE BEM.

PUBLICAÇÃO FUNDADA EM 1914

ALMA NOVA

REVISTA DE RESSURGIMENTO NACIONAL

III. SÉRIE

LISBOA NOVEMBRO, 1922

NUMERO 3



«FLORA» DE RAUL XAVIER



A MULHER DE INVERNO

POR
JOSÉ GUERREIRO MURTA

(ILUSTRAÇÕES DE ISAURA CAVALHEIRO)

O que distingue propriamente a mulher lisboeta da mulher provinciana são os leves pincelados de ilustração que ela possue. É um tóscano verniz de erudição que está distribuído em proporções iguais em quase todos, porque todos elas frequentam os mesmos espetáculos: teatros, concertos e animatógrafos.

A mulher intelectual e a mulher artista (deveras interessantes e dignas de estudo) são muito raras. Há efectivamente uns centenas que aspiram a esses qualificações, mas isso não se atinge simplesmente saboreando livrinhos de versos ou discutindo a todo o momento as inovações dos figurinos.

A maior parte das alfaias se vivem e sentem é porque existe a moda. Estrever, portanto, a respeito do "feminine chic" de Lisboa sem tocar na sua inseparável companheira, é causa sendo impassível, pelo menos muito arriscado.

A lisboeta, que passeia na Rua do Ouro, e vai aos chás, depende tanto da moda como o corpo depende do alma. Ela dá-lhe a espiritualidade, a leveza, a graça e a elegância; e se não lhe dá o encanto dos olhares e a frescura dos sorrisos é porque Deus quis atestar com alguns documentos que a mulher do capital é abra sua e não uma dada criação dos modistas.

Estas sabem operar transformações mágicas no corpo das "belezas", adelgazando, evolumando e até elevando a "cintura" o que é naturalmente "planície".

E a moda que cria duas mulheres: a mulher de verão e a mulher de inverno. A primeira é a mulher que pretende ostentar-se sem artifícios e na sua pura realidade. A mulher de verão é uma mulher à luz do sol, não engana, vale o que vale. Por isso, essa apetitosa metade do gênero humano é menos atraente na época do calor. E que a Natureza não fez todos os braços para se mostrarem nem todo o epiderme para ser contemplado pelo sexo forte.

No inverno já não é assim. O inverno mascara defeitos corpóreos com as peles e os abafos; e o ente feminino aparece diante do "bicho-homem" mais complicado, mais luxuoso — e é isto ainda o que agrada acima de tudo. A mulher da estação calmosa inspira apenas desejos que se extinguem depressa; o do quadro frio inspira sonhos que se prolongam e desejos que se perfumam com a fantasia. Na história do Amor o inverno tem nos grandes centros domínios muito mais vastos.

Foi no inverno que certo menino inexperiente começou a sentir num teatro o prelúdio do seu romance de paixão.

E será talvez nesta mesma quadra que ela rasgará a sua última página... Foi também no inverno que o coração de um botãozinho de rosa que eu conheço desabrochou docemente à luz do Pôrto como verde colíce que se entreabre aos raios do Sol.

No verão apenas se trocam nos termos e nos pratos uns simples novelos onde os seus personagens não representam (quase sempre) os papéis a sério.

A "elegante" da Baixa está para a "elegante" da Província como as mulheres para as flores, segundo a opinião de um sábio. A mulher bonita da província é, em geral, apenas bela; a de Lisboa é bela e sabe ser bela... E nem admira. Na "cidade de mármore" há o culto da beleza. Esse culto, que passa de mãe para filha, vai-se dia a dia robustecendo. Ele exerce-se nos consultórios dentários, sempre cheios, nos animatógrafos, estudando os penteados e os gestos, nas ruas, observando o corte dos vestidos. E este religioso clã já tantos fanáticos que os seus adeptos várias vezes querem reagir contra a ocção destruidora da Templo, fazendo sorridente o que este tornou corrugado — tentando corrigir a lei do Creador. E desta maneira que se percebe que uma ex-formosa Helena, que já vai descendo a encosta da vida, procure ainda fazer dos seus lábios secos e das suas faces sem cor, uns lábios de romã e umas faces de cereja. Por um ócirado e cego fanatismo é que aquelas dezoito primaveras cheias de imitação e de carinho gastaram vinte minutos a pintar o seu rosto de onça! Que desgosto que me causa! Por que não proibes, Senhor?

Que Tu consistas que ilma dama, que já dobrava o caba pouco esperançoso dos tintas, encha de coramí a cara, numa humana aspiração de tapar as suas rugas, está bem. Mas que permitas que aquela fadazinha — a quem Tu emprestaste os tintos do Céu — tenha a levianidade de emendar os tons da tua pincel, não faz sentido!

Além dessa mulher que tem a religião da beleza, há mais a que sofre a penitência do trabalho. Há a mulher que passa o dia nos "ateliers", nos escritórios e nos casas comerciais. São as empregadas democráticas, para as opor às empregadas dos ministérios, que são as aristocráticas... Aquelas vão para a labuta às nove e deixam-na às dezasseve; estas entram nas suas repartições às doze e saem de lá às dezasseste. E nos dias de muito serviço ainda lhes sobra tempo para ler um livro do sr. Júlio Dantas...

Para umas e outras (sinceramente a afeição) os homenagens do meu maior respeito, porque são trabalhadoras e



porque muitas delas deixaram os seus lares para ajudar a viver um irmãozito de dez anos ou para auxiliar os seus pais já velhos.

Algumas, bafejadas pela formosura, foram certamente perseguidas por um bando de pensamentos maus conselheiros; mas, após uma luta decisiva, subiram ao templo do Dever. E um triunfo bem louvável que deveria apoiar o espírito dos "gentlemen" do Chiado e das cafés essa ideia pouco lisonjeira que eles nutrem ácerca da maior parte das mulheres que se esforçam por ganhar o seu sustento.

Falando dos empregados "democráticos" e "aristocráticos", não posso deixar de trazer para aqui as modernas "democrático-aristocráticas". O seu primeiro nome mantém-no elas pela qualidade do seu cargo, pelos seus trajes mal cuidados e pela sua linguagem pouco recomendável. O segundo foi conquistado depois da guerra em virtude de uma chuva de notas que lhes caiu em casa. Essas trabalhadoras — já todos o adivinharam — são as "varinhas".

A par das varinhas estão também os vendedeiras da Praça da Figueira, que julgo terem vindo para o capital unicamente para zombar do "pô de arroz" das donas de casa e das criadas pretenciosas, ralando-as e até insultando-as numa gritaria infernal, se ousam dizer que as batatas estão pôdras ou que o preço das couves é exagerado ..



Eis as mulheres de Lisboa que aparecem à claridade do dia, pois a altas horas da noite também se enxergam mulheres verdadeiramente típicas. São aquelas estátuas de vício que o crueldade dos homens ajudou a corromper; são aqueles entes insensíveis que surgem pelas esquinas, fugindo à polícia num instinto de defesa; são os desgraçados que o destino atraiu para o abismo, roubando-lhes a vergonha e o coração; são as mulheres que riem sarcásticamente de todos os sentimentos e de todas as afeições, porque a preversidade e a baixeza nem ao menos consentirão que elas conservassem para sempre — mesmo através da sua existência enameleada — a dedicação mais sacrossanta, o afecto mais sublime — o amor de mãe.

JOSÉ GUERREIRO MURTA



ISAUARA

SALOMÉ
POR ASSIS ESPERANÇA
(IL. DE R. NOBRE)

Ao som dum *fox-trot*, a que deu voga a cadência da música a impor sensualidade, ali, no palco do "Eden", uma cançonetista argentina apresentou-nos uma Salomé bem da nossa época. Nada, nem mesmo um provocante decote, que fizesse apetecer aquela que dançou na sala de festins d'Herodiades, magnificamente núa, — véus caídos, pedrarias sangrentas a cobrir-lhe apenas o sexo. Quando apareceu ao público, friorentamente envolta num *sorti-de-bal* de veludo verde — a côr preferida pelos gregos nos seus prazeres inconfessáveis — tinha as atitudes castas duma educanda de convento de monjas a gosar férias na vida dos salões.

Curvava-se numa saudação fidalga e o que havia de voluptuoso na música, contrastava imediatamente com o sorriso casto que tinha nos lábios; com a ingenuidade dum olhar que parecia suplicar ao céu a absolvição de pecadilhos que a sua candura classificou de crimes. Começava bailando, e os primeiros movimentos eram marcados quase sem estremecimentos de corpo, os braços a erguerem-se compassadamente numa graça mimosa, numa elegância rebuscada de marquezinhas que dançassem pavanas na corte de qualquer monarca de rígidos costumes.

Gradualmente, porém, requinta as atitudes e transforma o sorriso de há pouco num sorriso que mordisca a sensibilidade, um sorriso irritante de incitamentos. Então sentimos postica a castidade que a perfuma d'encantos místicos. Mas se os olhos teem sempre a aspiração máxima de quem busca a felicidade com inquietação, a felicidade que não chega, que não chegará nunca... — como não sentir desejos d'exorar perante ela a mercê magnífica de consentir que a adorem?

A música, as atitudes, fazem á sua volta um mistério laivado de tragédias passionais? Mentira! se ela é tão boneca...

Canta!... — Escutem bem! A mesma candura na voz! — Digam-nos que essa mulher é uma flor de carne, nascida entre sangue e infâmia; digam-nos que poderá levar-nos a tudo: ao crime, ás expoliações, ao suicídio; gritem-nos que a sua beleza é artificiosa, passageira; que o *boudoir* lhe guarda o segredo das suas formas d'aparências deliciosas; confidenciem-nos, mesmo, o número dos seus amantes. Clamaremos: calunia! Se ela é tão boneca...

A certa altura do bailado, arroja de si a capa que a envolve toda, e fica ainda casta no seu traje afogado de garganta. Mas nos olhos, na boca, em todas as suas atitudes d'agora só há volúpia, — os olhos rebrilham, a boca tem esgares de quem prepara mordeduras. Canta, e a sua voz faz-nos empalidecer, lançando no ar, já pesado de voluptuosidade, palavras que vibram de palpitações brutais. Porém, o contraste entre o seu traje, que continua, que é sempre casto, desperta-nos a curiosidade mórbida que nos leva a perscrutar os segredos d'algum, por entre promessas de prazeres inéditos. E acordamos na sua inconsciência: Não pode ser criminosa a mulher que oferece uma carícia em cada sorriso; que tem uma ternura maternal no olhar, que baila

sem atitudes canalhas, — e o público aplaude essa Salomé-símbolo, como todos nós seguimos uma mulher que nos acene das bandas do mistério uma mão esfingica, que tomamos por patrícia e acolhedora.



(CONTINUA NA PAG. 50)

O LOUCO AMOR

ORIGINAL DE
RAMÓN MARÍA TENREIRO

NOVELA

VERSÃO DE
FIDELINO DE FIGUEIREDOTRADUZIDA EXPRESSAMENTE PARA A "ALMA NOVA".
COM ILUSTRAÇÕES DE SAAVEDRA MACHADO

(Continuação)

DIRIGIU involuntariamente o visto para a alcova e contemplou por um momento a galharda e pomposa figura do jovem, que, inclinada sobre o leito, enxugava uma vez mais a suor do rsto do agonizante.

— Muita mulher... Muita... Já era sabido... Morre dum dos "ccc" que nos matam a nós, velhos: ceia, caldo, casamento... E Jaime? Porque não estará aqui Jaime?

E em voz baixa, ao cura:

— E o filho? O cego?

— Não o viu D. Indolécio? Está metido no quarto... de traz da porta... Não podemos tirá-lo dali por mais que lhe tenhamos pregado. O pobre, já se vê, não quer separar-se do pai. Mete pena vê-lo.

— Eu não me atrevi a entrar. Que querer, sr. cura? Já se é velho e não se pode ver sofrer assim uma criatura com quem se viveu desde a meninice. Demais, quando vejas as barbas do vizinha a arder...

— Deixe-se disso, D. Indolécio! O senhor ainda lhe de romper muitos botões.

— Ai, senhor cura! O novo pôde morrer, mas o velho não pôde viver.

Ao cabo de breve momento voltou o missor o sacerdote.

Também Genoveva me faz muita pena. Como tratou dele! Não é possível que alguém chegue à morte melhor tratado nem com mais carinho. Há não sei quanto tempo que não dorme nem se despe.

— Que sorte que tenta sida assim!

— Uma bênção de Deus! A mais virtuosa das minhas filhas de confissão...

— Agora se Genoveva não tornar a casar-se não me dará muita que fazer o pobre cego. Administração, e não conte mais.

— A ele, sim, é que o senhor terá de o casar... É o pôrto mais rico de toda a vila.

— Ai, senhor cura...! Não há bom partido cego...

Sobreveio largo silêncio, só interrompido pelo angustioso resflegor do moribundo. O seu amigo não pôde sofrer por mais tempo aquele tormento. Levantou-se; saiu da sala. Nos lóbregos corredores assediaram-no com perguntas as gentes do povoado e da aldeia, que invadiam todo a casa.

— Não, não... Vive ainda; porém, já como se não vivesse.

Seguiu adiante e entrou na vasta cozinha do convento. Das fumadas vigas do lecto pendiam os presuntos, perus e chouriços da última matança. Inumeráveis coçorolas arrilhavam como proto no grande cobide que cobria por completo uma das paredes. Na amola lareira, debaixo da gigantesca cobertura do chaminé, ardia alegramente um grande lume; cujos chamas vermelhas dançavam, acorciadoras, entre as paçudas panelas. Três mulheres, nua mente afadigadas, preparam o ceia para os caseiros que ficavam de vela: uma grande panela de bocalhão com batatas, carne guisada, um pucarão de café.

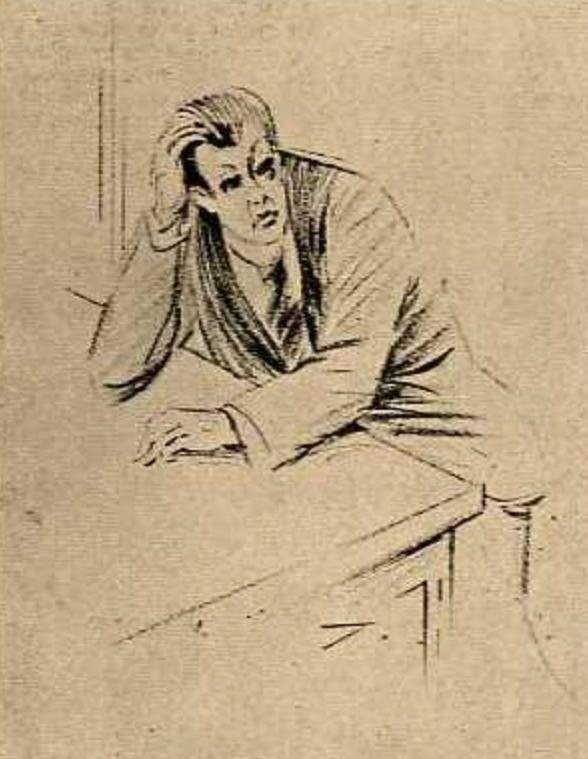
A mais velha, criada do caso há meio século, gigantesca, paçuda, de incendiado caro redondo, acercou-se chorosa de D. Indolécio.

— Ai, senhor! Se que vamos ficar sem amo.

— Sim, por esta vez... O ancião deixou-se cair sobre um banco ao lado da grande mesa de castanho. A criada dava em voz baixa ordens às suas duas ajudantes e aborrecia-se muito de não ser compreendida nem obedecida prontamente.

(CONTINUA)

FIDELINO DE FIGUEIREDO



O ANCIÃO DEIXOU-SE CAIR SOBRE UM BANCO AO LADO DA GRANDE MESA DE CASTANHO

QUERE DINHEIRO?

JOGUE NO

Gama

R. do Amparo, 51

LISBOA

Telefone: Norte 4020

EL HOMBRE MÁS VENTUROSO

CONTO INÉDITO DE ROGELIO BUENDÍA

• • • (IL. DE SAAVEDRA MACHADO) • • •

Daniel era el hombre más venturoso de la tierra. Quiso el mar y lo tuvo. Quiso el aire y lo tuvo. Y quiso el sol y tuvo cien soles en sus dominios universales. Iba siempre entre bellas esclavas que le servían en copas de oro y perlas los más dulces licores y en bocas apasionados los más suaves besos.

Sus caballos eran los más briosos y sus perros los más arrogantes y fieros.

Todas las bacas lo alababan y todas las monas lo bendecían en gestos de unción y reverencio.

Era sumamente venturoso. Jamás hubo una voluntad que se le resistiera y, ante él, todas las puertas se abrían y todas las inteligencias eran opacas, pues su talento le hacía ser como un sol de un brillo irresistible.

Una tarde, después de despedir a unos príncipes con quienes había coazado egipiones en las selvas del Ensueño, se sintió con el alma vacía. Hubo en sus ojos un vuelco de la luz a lo sombra. Tuvo un momento de tedio y ya no fué más feliz.

En una ventana de uno de sus treinta palacios miraba los lirios morzales que crecían para él en el jardín de los Enamorados.

Veía crecer los lirios blancos, y los azules, y los de color de tigre, cuando sus ojos, velados por el tedio, vieron una muchachita pálida que le miraba candorosamente, con ojos de estrellas azules y cabellos de color del fuego más vivo.

Daniel llamó a tres de sus esclavos más fuertes y les dijo, señalando por la ventana a la muchachita pálida:

— ¿Véis aquella linda muchacha que tiene ojos de estrellas azules, que cruza el jardín de los Enamorados? ¡Traedme al momento! Ella me hará feliz.

Y, poco después, aquella muchachita, que había sacudido el tedio del hombre más venturoso, se extendió, desmayada, en el lecho nupcial del palacio.

Daniel gozó aquella noche más que en ninguno de los días de su vida dichosa.

Aquella mujer estaba hecha de la más tibia seda y del más sonrojado nácar. Sus ojos, en el dolor, miraban como dos enormes zafiros con vida, y sus manos, al implorar, eran más bellas que los más blancos lirios del jardín de los Enamorados.

Y pasaron los días y ella se entregaba a él triunfante, y por muchos besos que Daniel le pusiese en la boca, no lograba el hombre más venturoso que aquellos labios le devolviesen un beso siquiera.

Daniel miraba extáticamente los ojos de la niña para buscar en ellos algo que se pareciese a lo que los suyos enloquecidos expresaban.

Y siempre veía en aquellos ojos dos hermosos zafiros, nada más que zafiros.

Y en vano los píebeteros ardían con los esencias más enervadoras ni que los cantores y las gurjas dejases air sus kosidas más llenas de voluptuosidad. La luna pasaba todas las noches frente al balcón de la cámara donde el príncipe velaba su desesperación.

Pasi sufria el hombre más feliz.

Y una noche en que la muchachita de los ojos de estrellas se retorcía en el lecho tetanizada por afrodisiacos que había tomado en los manjares, el hombre feliz como ninguno le preguntó con rabia:

— ¿Cuando tendré tu corazón?

Y ella, firmemente, con la boca crispada, respondió:

— Nunca!

Esta fué la única palabra que oyó Daniel de la mujer que tanto amaba.

Entonces, el hombre más venturoso, cogió en su mano nerviosa un puñal fuerte con el puño incrustado en rubies, y, de un solo tafo, abrió el pecho de la niña del jardín de los Enamorados.

Y, entrando su mano en la herida, apretó entre sus nerviosos dedos el corazón, y dijo:

— ¡Ahora, es mío!

ROGELIO

BUENDÍA



Para breve: "Un artículo hablando de las cosas trascendentales de nuestros ideales peninsulares" — Buendía

FIGURAS DA GRANDE GUERRA, POR R. NOBRE



VON MOLTKE



HINDENBURGO

Não rara é ouvir-se, entre nós, desde os admiráveis mais servis aos mais incendiados sarcasmos, sobre o arrogância das figuras que no Alemanha pregarão e fizeram a Grande Guerra.

O autor do ilustrado «Sinfonia Macabra», de que hoje se anuncia para breve a edição definitiva — curiosa brochura lindamente ilustrada pelo moço artista Roberto Nobre —, não é dos primeiros nem dos segundos. Reunindo em vários capítulos, o que vai adoptando o respectivo cenário, as mais formidáveis afirmações da mentalidade política e militar da grande nação, principal-



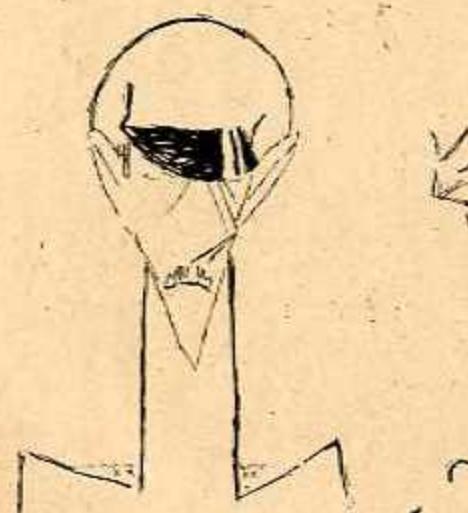
(EDIÇÃO DEFINITIVA)

mente no último meio século, ele apenas quis reconstituir com o sanguinoso avião daquelas próprias palavras o edifício macabro das grandes responsabilidades no conflito.

Conseguiu, plenamente, sem epítetos insultuosos?

O leitor brevemente o dirá.

As cinco cabeças que ilustram o presente página, e que foram extraídas da referida edição, são das maiores do Alemanha e também das mais responsáveis do miserável estado em que a Europa se encontra.



KRONPRINZ



KRISER



VON BETHMANN HOLLWEG

NOTAS DO MÊS

SE há momentos na história em que a pátria portuguesa viva tanto da sagrada emoção do heroísmo de seus filhos, nunca como no momento que passa.

A travessia aéria do Atlântico não serviu apenas para levar o velho abraço amigável do pai munibundo ao filho jovem, — esse outro Portugal d'Além — o Brasil, ela foi o solavanco da própria alma lusiada contra o mesquinho desprêzo a que se nos ia voltando.

Como em 1500, nos tempos da Outra-Audácia, o mundo inteiro tem de novo os olhos emocionalmente postos em Portugal, e os nomes de Sacadura e Coutinho deixam de ser, nos fastos da raça, apenas os nomes honrados de dois grandes e nobres marinheiros, para se constituirem em dois símbolos de imorredoura glória. A sua vida difundiu-se-lhes toda na aventura sublime do seu gesto; a sua alma trespassou-se-lhes toda nas estrofes candentes dos «Lusiadas»!

Portugueses d'Aquém e d'Além Atlântico, não vedes a linda estrada que Éles nos deixaram no céu?

...Sim, o grande acontecimento do mês último foi o regresso dos «nossos aviadores», depois da sua viagem aéria ao Brasil. Em Lisboa, o delírio da recepção, apesar da chuva torrencial que caiu durante todo o dia, excede quanto se possa imaginar. «Nas mãos não havia mais palmas», na frase feliz dum reporter do «Diário de Lisboa», nem nos corações mais gritos de saudade

para exteriorizar todo o entusiasmo! Das janelas, completamente apinhadas de senhoras, caíram em catadupas as flores e os beijos.

De Alexandre Pista,
Nova-York:

Am.º e Sr.º... Embora longe da Pátria eu sinto vibrar na minha alma esse sopro sagrado de Epopeia que fez do Português um dos povos que mais contribuiu para esta civilização admirável do presente.

Na Universidade do Columbia foram este ano abertos 3 cursos de Português, sendo um de literatura. É a primeira vez que nos Estados Unidos se constitue um curso tão completo da nossa língua. Abri estes cursos esta semana e ainda que o número de alunos seja pequeno, isso é já o inicio dum conhecimento mais sensato da nossa Arte, da nossa Literatura e do nosso Passado.

Embora não esteja em Portugal, aqui no estrangeiro eu também me considero dentro dos princípios da sua Revista.

A linda «Baladilhar», que noutro lugar publicamos, da autoria de Ivo Cruz, um novo compositor de real talento, foi cantada com muito êxito numa audição da Liga Naval, no corrente ano, por uma das mais ilustres senhoras da nossa sociedade.

Continuaremos a publicação de outras composições e estudos de crítica.

Mr. W. A. Bentley, ex-professor do Instituto Superior de Comércio e antigo director da bela revista «Portugal», acaba de partir para Londres, onde vai proceder a várias pesquisas sobre as relações da história e literatura inglesa e portuguesa, prometendo enviar nos algumas crónicas.

— Da capital da Espanha, também nos vai remeter a sua colaboração um grande amigo de Portugal, distinto advogado e redactor do jornal «Informaciones».

Entre outros belos artigos, a «Alma Nova» publica no próximo n.º um estudo do Dr. Artur Lamas, sobre o Apito e o Assobio, e notas sobre Simões d'Almeida, pelo próprio.

A época teatral afirma-se bem. Originais na maioria portugueses ou versões com o valor de originais. Rodrigues Cosme vai iniciar as suas crónicas.

No Cinema Condes, a película o «raid aéreo ao Brasil» faz hora à «Invicta», do Porto.



O COMPOSITOR IVO CRUZ
POR R. NOBRE



O ARTISTA ROBERTO NOBRE
POR SANCHO

CRÍTICA LITERÁRIA: SERÁ FEITA NO PRÓXIMO NÚMERO A TODAS AS OBRAS DE QUE NOS FORAM ENVIADOS 2 EXEMPLARES.

MATEUS MORENO

SANGUE D'EPOPEIA

O mais completo e imparcial relato da acção da Artilharia Portuguesa na Flandres
Obra prefaciada pelo Comandante Geral da Artilharia do C. E. P. General ABEL HIPÓLITO
e Coronel CARLOS MAIA PINTO

ÍNDICE DOS CAPÍTULOS

DEDICATÓRIA PREFÁCIO-INTRODUÇÃO

Primeira parte — LA LYS

I — As primeiras notícias. II — Causas do insucesso. III — O depoimento dos combatentes. IV — Credulidade funesta. V — A preparação do ataque. VI — O assalto. VII — Lacouture. VIII — O General Gomes da Costa.

Segunda parte — A ODISSEIA

I — As últimas tentativas. II — Samer. III — Em

Ambleteuse. IV — A visita do General. V — Esperando... VI — A arrancada da Victória.

APÊNDICE

A — A Artilharia de Campanha no 9 de Abril. B — Id. depois do 9 de Abril. C — Id. na ofensiva da Victória. D — O material de campanha usado no C. E. P. e a defesa das posições. E — Louvores e condecorações á Artilharia de Campanha do C. E. P.

Um volume profusamente ilustrado de Fotografias e Desenhos: 3500 (3 mil reis)

EXECUTAM-SE TODOS OS TRABALHOS “RESSURGIMENTO” DE ARTE NA

BIBLIOTECA DA “ALMA NOVA”

MATEUS MORENO:

MINHA PÁTRIA, poemas.....	1\$00
DE PORTUGAL A' FLANDRES, (cartas da Guerra).....	1\$00
A SINFONIA MACABRA, (Máximas da Kultur), ed. def. no prélo, ilust. por R. Nobre.....	1\$00
SANGUE D'EPOPEIA (A Artilharia Portuguesa na Flandres) 1 volume ilustr.	3\$00

LUÍS CALADO NUNES:

ODES DE ANACREONTE.....	2\$00
-------------------------	-------

JOSÉ REBELO:

CANTIGAS.....	1\$00
ARTE, ARTISTAS E PERFIS.....	\$50

Remessas franco porte

PARA TODO O PAÍS

Para colónias e estrangeiro acresce o porte.

BREVEMENTE:

EÇA DE QUEIROZ, notas íntimas, por D Conceição d'Eça de Melo.

Manuel dos Santos Grilo

Fabricante de Lanifícios

• • • COVILHÃ • • •

• • • • • • • • • • • • • • •

• • TODOS OS QUE PREZAM • •

• • • • • • • • • • • • • • •

A ECONOMIA

• • • • • • • • • • • • • • •

NÃO DEVEM COMPRAR

• • • • • • • • • • • • • • •

FAZENDAS DE LÃ

• • • • • • • • • • • • • • •

SEM PRIMEIRO

• • • • • • • • • • • • • • •

CONFRONTAREM OS

• • • • • • • • • • • • • • •

PREÇOS DESTA CASA

• • • • • • • • • • • • • • •

ENVIAM-SE AMOSTRAS PARA TODO
O PAÍS E COLONIAS



**SOCIEDADE
PORTUGUEZA
DE CONSTRUÇÕES
E DECORAÇÕES L.^{TD}**

■ ■ ■
**R. NOVA do CARMO
43-2º Tel. 1107-C.**

VASCO PT. MORAES PALMIERI (REGALEIRA)
ARQUITECTO L. S. A.



PROJECTOS COMPLECTOS DE CASAS DE HABITAÇÃO.

DE EDIFÍCIOS PARA HOTEIS, CASINOS, ETC.

BOM GOSTO E CONFORTO

DECORAÇÕES INTERIORES

TRANSFORMAÇÕES DE ESTABELECIMENTOS
COMERCIAIS E INDUSTRIAIS

TODO O GÉNERO DE CONSTRUÇÃO E DECORAÇÃO

AVALIAÇÕES DE PROPRIEDADES

TRABALHOS DE TOPOGRAFIA

ANUNCIO ECONÓMICO

ATE 20 PALAVRAS: 2\$50
CADA PALAVRA A MAIS
20 CENTÁVOS

NO PRÓXIMO N.